

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRESRedacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

ÉCOS E NOTÍCIAS

Mestre António Pinheiro

A Companhia do Teatro Nacional de Lisboa, à frente de cujo elenco artístico se encontra o nome consagrado da grande actriz, Amélia Rey Colaço, promove uma récita de homenagem ao mestre da cena portuguesa, ao grande ensaiador, António Pinheiro, nosso ilustre conterrâneo.

Estamos convencidos de que Lisboa, ou melhor, os amadores de bom teatro vão encher o Nacional e prestar ao homenageado o tributo de admiração a que ele tem todo o direito.

E quando é que Tavira, mais uma vez lembramos, prestará ao seu ilustre filho, também aquela homenagem a que tem jús?

Nostra culpa

No interessante semanário católico para operários, o «Trabalhador», que se publica em Lisboa, encontramos uma carta de um penitenciário, isto é, dum preso por questões político-sociais na Penitenciária de Coimbra, que nos mereceu o maior interesse e nos provocou algumas reflexões.

Dessa carta, agora, queremos só extrair um trecho, o seguinte: Pratiquei um crime social contra esta situação, quando eu não sabia o que ela é. E' assim que muitos jovens se perdem. A falta de propaganda social sã que destrua os efeitos da propaganda subversiva faz de muitos rapazes inimigos do Estado, quando os mesmos poderiam ser seus entusiastas colaboradores. E se a culpa é deles em parte, não é toda.

Até aqui a transcrição. E depois de ler este pequeno trecho dessa carta, toda ela interessante, pensemos bem e reconheçamos que o seu autor tem toda a razão.

Confessemos «Nostra culpa», todos os que dalguma forma se sintam culpados e bastante somos.

«Viriatos»

Os jornais trouxeram os motivos porque tinham sido propostos para condecorações e louvores, varios dos nossos «Viriatos». Não há dúvida que as virtudes da raça não morreram.

Desde o capitão Durão e tenente Ferreira da Silva, até aos furiosos aviadores e aos simples legionários, que belos exemplares a recordar as virtudes ancestrais!

Antes da queda de Barcelona

Tal, Coronel, tal, Governo

O «Governo» de Barcelona como sabem, promoveu a coronel o famoso Campesino. Vale a pena narrar, resumidamente, a «carreira» desse bandido, para se fazer uma ideia do que representa essa promoção, em relação a quem a determina! O Campesino, cujo verdadeiro nome é Valentim Gonzalez, alistou-se aos 20 anos na Legião Estrangeira de Marrocos. Pouco depois, em 1923, traiu a Espanha, passando-se para o campo de Abdel-Krim. Mais tarde voltou ao seu país, sem sofrer qualquer castigo.

Logo que começou o movi-

Com a conquista da capital da Catalunha pelas tropas de Franco, desapareceu o grande centro marxista da península ibérica. Os comunistas de todo o mundo, declarados ou encobertos, choram, a estas horas, de raiva, por sentirem que estão perdidas de todo aquelas grandes esperanças que depositaram na República espanhola.

Pobre e maldado regime, nascido dum equívoco, produto do conluio de políticos ambiciosos e sem escrúpulos, com intelectuais desnorteados, em presença dum povo que não compreendia nada do que se estava passando. E tanto isto foi assim que, no dia em que o povo espanhol, não o das choças comunistas, esse também é político, mas o verdadeiro povo, aquele que não tem chancela, no dia em que esse, repito, sentiu bem a que escumalha estava estregue o governo da Nação, o regime, que por equívoco se tinha creado, teve imediatamente os seus dias contados.

Não desapareceu com a mesma facilidade com que nasceu. Crimes e vergonhas sem nome ficam enodoando a história do regime que se encontra no estertor. Milhares de pessoas mortas da maneira mais barbara, a destruição levada ao maior furor, de tudo quanto a imaginação do sátrapa de Moscovo soube inventar de mais cruel, satanicamente, a frio, dentro das muralhas do seu antro, foi realizado em Espanha por indivíduos cujos cérebros, exaltados já de si próprios pela natural psicologia de gentes do sul, mas, ainda, sábiamente excitados por agentes de corrupção que sabiam perfeitamente quaes as cordas que deviam tocar nos diferentes sectores do povo visinho.

A propriedade das terras para os camponeses, a propriedade das mulheres para os operários e vadios das cidades, o odio a tudo o que representava beleza, espiritualidade, ordem, tudo isto e muito mais, foi inteligentemente espalhado, de forma a enlonecê-los para depois os atirar para a frente. Esqueceram-se apenas daquela celebre frase: aqueles a quem Jupiter quere perder, enlouquece-os primeiro.

Mas, neste ajuste de contas final, é bom não esquecer dois pontos. Refiro-me, primeiro, áqueles burgueses que em Portugal não se pejaram de fazer o jogo comunista, esses por vaidade, a de se julgarem assim ultra-inteligentes, por defenderem ideias da esquerda, outros por despeito, por não continuarem a mandar, e ainda os medrosos, os que pensavam e pensam que é esse o unico de os comunistas não os liquidarem na grande tarde vermelha, todos eles, por isto ou por aquilo, jogando a cartada anti-nacionalista, anti-catolica, todos eles jogaram na queda do Esta-

mento libertador, Campesino alistou-se nas milicias vermelhas. Dentro em pouco chefiava uma autêntica quadrilha de facinoras, que de pressa se tornou célebre em Madrid pelos crimes monstruosos que praticava. A fama e o prestigio de «anti-fascista» do seu Chefe, subia dia-a-dia de ponto. Um dia, em Somosierra, Campesino excedeu-se a si próprio. Tinha sido aprisionado um requeté. Interrogaram-no acerca das posições nacionalistas: o soldado de Franco não responde. O Campesino mutila-o então da

mais hedionda maneira, com um golpe de navalha. O requeté esvai-se em sangue—mas continua mudo. Campesino começa então a despejar o seu revolver nas pernas do herói. Atira-lhe depois aos braços. Mas o requeté continua sem falar. Então, louco de furor, o bandido acaba-o com um tiro na cabeça, dizendo aos camaradas: «Enterrai-o. Não falou, mas já não torna a falar».

Uma das proesas que este Campesino mais gosta de praticar, talvez pela popularidade que daí lhe advém entre o seu

do Novo e na perda da independencia da Patria.

Deus manda-nos perdoar, mas não nos manda esquecer.

E de forma alguma, nós, os nacionalistas portugueses, podemos esquecer aqueles que jogaram contra a nossa Patria, contra a terra onde tantos deles nasceram.

Mas há, também, os outros. Aquelles que foram a causa remota e a causa proxima da catastrophe de Espanha e que teria, também, procurado destruir Portugal, se não fosse o triunfante movimento de Franco e a certeza que do lado de cá, pelo menos da maioria, já de há muito desapareceu o medo da morte. Pode-se morrer, mas morrer combatendo.

Quero-me referir aos chamados conservadores, áqueles burgueses, tão criminosos como os a que acima acuso. Aquelles conservadores que entendem que a força armada tem por missão especial defender-lhes as costas e as propriedades, enquanto eles exploram, a salvo, as necessidades dos que trabalham por esse motivo. A lei da oferta e da procura, em toda a sua hediondês, aplicado ao trabalho humano, é bem a síntese, a exemplificação da baixa moralidade a que o «estúpido» século 19.º tinha conduzido a sociedade.

São esses burgueses, os que entendem e assim procedem, que se deve pagar ao trabalhador o menos possível e exigir-lhe o máximo de produção, os maiores causadores destes movimentos populares em que a bête humana, á solta, pratica crimes e destruições sem conta, de que esses taes burgueses e suas mulheres e filhas são as primeiras victimas.

Mas o exemplo de nada serve. Passou-se em Espanha e ainda em parte dela isso se passa, o que é do dominio publico, em crimes de toda especie. Pois não só em Portugal há burgueses que não acreditam em tal, convencidos de que só os nacionalistas é que sofreram, mas há também, os outros, os taes que, apesar de tudo, continuam a considerar o trabalho do homem como uma mercadoria.

São esses os inimigos do Corporativismo, aqueles que nos chamam bolchevistas disfarçados, os que por todas as formas têm empenado a marcha das Casas do Povo, dos Sindicatos e têm desviado os Grêmios da sua verdadeira função.

Já era tempo de se convencerem de que os regimes nacionalistas não são conservadores, são revolucionarios na verdadeira acepção da palavra. Nenhum deles se intitula unicamente nacionalista. São sempre mais alguma coisa, tendentes todos eles a darem aos trabalhadores, aos que necessitam, o que lhes é devido, que mais não seja, pelo seu natural direito de homens.

J. B. S.

bando, é prender tôdas as mulheres novas e raparigas que pode apanhar, e entregá-las á bestialidade dos seus homens. Depois, ao fim de dias ou semanas de infâmias, liberta-se das infelizes — e liberta-as — dando-lhes um tiro na nuca.

Pois esta «prenda» foi feita coronel pelo sr. Negrin...

Isto diz tudo sobre o «governo legal» de Barcelona.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Quando cantado com um bocadinho de sentimento e geito não há como o fado para despertar saudades e fazer vibrar de ternura o portuguezinho valente.

Podem dizer que êle foi gerado na desgraça, que se arrasta em toada languida pelas mansardas e vielas, tabernas e lugúrios infestados de lama, pelas gargantas roufenhas das toleradas ou dos rufias; podem dizer tudo quanto lhes venha a cabeça com a impiedade dos leigos só para o deprimir, enegrecer, arrasar, e muito disto se tem dito para que o vejamos pôsto à margem, na decadência de qualquer sentido nacional.

O certo, porém, é que o fado, o triste fado, o faduncho na vulgaridade dos que o batem e o sópram nas horas fatais, vai direitinho ao coração se a Maria Alice ou a Berta Cardoso o cantam na voz dolorosa das martires, acompanhadas pelos gemidos rilmados da guitarra que as mãos ágeis do Armandinho dominam com emoção e soberania.

O fado tem a sua arte. E porque não? Vive para todos embora nem todos o aceitem igualmente. E' que cada um de nós tem o seu sentir diverso, o seu fado imposto pelo destino e passa o seu fadário conforme as variantes da vida. Fecham-se-lhe as portas dos salões e negam-lhe a entrada nos lugares reservados às exigências da fortuna!

Pobre fado. Mas tôda essa crueldade é uma pura ilusão, porque o fado está sempre onde as lágrimas se derramam à custa do sofrimento e da dor, e basta uma mulher para o impulsionar à sua maior beleza, embora seja preciso atravessar palácios e sacrificar fidalgos.

Todavia o fado limita-se aos desamparados, aos abandonados da sorte, aos que nunca foram nada e desaparecem na vala comum quasi sem nome. E' para quem sofre e não para quem ri.

Canta-se verdadeiramente desiludido e ouve-se com lágrimas.

Presentemente o maior inimigo do fado é a telefonia, só porque teima em apresentá-lo a cada passo, em todas as ocasiões, na boca de toda a gente, numa desharmonia imprópria do seu character, com tendencia para divertir. E desse excesso de errada divulgação, das quasi permanentes audições anunciadas nos aparelhos pelos varios rádios, em ondas curtas e médias, transmitidas directamente do Retiro da Severa, do Café Mondego, do Coléte Encarnado, da Praça da Alegria, do Rex e de muitos outros pontos de marcante especialidade, resulta, como não podia deixar de resultar, uma tremenda maçada, tanto mais que surgem a esmagar o fado cantadeiras de toda a espécie, novas e velhas, e cantadores improvisados que são autenticas ofensas aos nervos de cada um!

Consequentemente a fado vai decaindo sensivelmente no interesse de todos nós, e ninguém está para lhe escutar a angustia nos momentos mais felizes, mais revoltados ou mais alegres da vida. E nesta ordem de ideias

PELA CIDADE

O Carnaval— Como noticiamos inicia-se hoje no Teatro Popular os tradicionais bailes de mascaradas, que serão engrandecidos com a valiosa atração de maravilhosos filmes.

Para esta noite temos o encantador filme musical *Parada Triunfal*, com Phil Regan e Frances Langford.

Na próxima quinta feira, a Comédia «O Meu Criado», obra prima de Van Dyke, com o magistral desempenho de Roberto Taylor e Jean Harlow e o grande comico Reginald Owen que tanto sucesso obteve na presente época no São Luiz, em Lisboa.

—Inicia-se hoje na Sociedade Orfeonica tambem os tradicionais bailes de mascaradas, os quais proseguirão todas as quintas, domingos, segunda e terça de Carnaval, terminando no dia 26 de Fevereiro com o Baile da Pinhata.

—Com início no proximo dia 2 de Fevereiro (quinta-feira) realizam-se no Club Recreativo Tavirense, os tradicionais bailes carnavalescos que como nos anteriores serão bastante concorridos e animados.

CHUVA

Os lavradores vão apresentando melhor cara, graças a Deus. O nosso amigo, sr. Tenente Francisco S. Padinha, forneceu-nos os seguintes dados do seu pluviómetro:

1938-39—Chuva caída desde Setembro a 15 de Janeiro, 246,1 m/m.

Para termos de comparação vão as medidas correspondentes dos anos anteriores:

1937-38.	290 ^m / _m ,3
1936-37.	312 ^m / _m ,2
1935-36.	182 ^m / _m ,7
1934-35.	131 ^m / _m ,0
1933-34.	206 ^m / _m ,5
1932-33.	267 ^m / _m ,6
1931-32.	202 ^m / _m ,4
1930-31.	129 ^m / _m ,5

Tavira, 16-MCMXXXIX-Jan.º

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

uma tal expansão pode muito bem considerar-se um erro.

Houve um tempo em que o fado aparecia pouco. Deixava-se na sua tranquilidade no lugar que lhe era reservado na amargura, na saudade e no amor.

Hoje é o contrário, valem-se dele, com um exagêro irritante e que mete dó, no teatro, nos retiros e nas telefonias, e para isso o vèstem e enfeitam de tal modo que a maior parte das vezes se desfigura. Assim transformado chamam-lhe o fado canção e para seu realce socorrem-se de discos velhos em que os doutores Menano e Bellencourt, com as suas vozes límpidas e ressonantes, faziam perder a cabeça às tricanas de Coimbra nas luarentas madrugadas que prateavam o Mondego e iluminavam de encantamento o bucólico Choupal.

E' fóra de dúvida que anda fado de mais espalhado pelo país. Não está certo.

A telefonia deve poupá-lo, bem como essas intermináveis revistas apresentadas nos teatros de Lisboa e que raramente oferecem novidade.

E o fado terá sempre o acolhimento que merece, deixando de tornar-se aborrecido o brado simples e impressionante da alma popular, tanto mais que alguns dos seus intérpretes baterão aças, pelo menos aquêles que se tem consolado de o martirizar, na ordinárice repugnante da sua cantarola blasfemadora. São autênticos malfadados... Irra!...

Acúrcio Cardoso

Impressões duma visita a Marrocos

Rabat, a capital administrativa

Depois de um percurso de 1,5 km. a grande torre de Hassan indica-nos que chegámos à capital administrativa do governo cherifiano e do protectorado francês, na margem esquerda do Oued Bou-Regreg. Rabat é uma das quatro cidades *maghzen*, isto é imperiais ou residencias do sultão e é aqui que este vive habitualmente.

Nenhuma cidade marroquina é tão alegre como esta. Os europeus que a habitam, julgam encontrar nelas a doçura da vida latina; mas como tôdas as cidades marroquinas Rabat compreende a velha cidade indígena e a nova cidade europeia. A *Mellah* e a *Medina* que compõem a cidade indígena estão concentradas sobre uma colina proxima do oceano, ao contrário da cidade europeia, que está edificada sobre vastas superficies separadas umas das outras por jardins viçosos e pelo Aguedal, bairro imenso, com magnificas vivendas emergindo de *bouquets* de flôres. Esta cidade foi escolhida para sede da residencia geral e tem uma população de cerca de 40.000 habitantes, dos quais 14.000 não são marroquinos. Três ruas principais atravessam a cidade musulmana, nas quais se instalaram estabelecimentos europeus. Extensos *boulevards* se cruzam na cidade moderna e ai se encontram os principais estabelecimentos comerciais, tais como: os grandes armazens, cafés sumptuosos, bancos, palácios do correio e da justiça, as diferentes repartições civis e militares, rodeadas de formosos jardins que dão à cidade o tom alegre característico da sua beleza rara.



Da esquerda para a direita: o Grã-Visir, o sultão Moulay Mohamed, Mrs. Ponsof, residente e outro visir.

Rabat possui algumas curiosidades pitorescas, tais como: o célebre Kasba das Oudaia, o museu das artes indígenas, o café mouro, a torre Hassan edificada por Almansor, que foi o mesmo que fez construir a Giralda de Sevilha e a Kotobia de Marrakech. O Kasba das Oudaia dá-nos uma ideia do que teria sido esta cidade no seu tempo de esplendor. O local é ainda prestigioso. Atravessasse uma poterna e penetra-se num jardim fechado, duma beleza encantadora. Para além das muralhas sente-se o rumor misterioso da vida da cidade branca. Perto do jardim encontra-se o museu, que está instalado numa antiga *Medersa* (escola superior de ensino). Foi primeiro uma estancia de prazer onde os sultões se instalavam quando iam aquela cidade. Nas colunas simples e elegantes que sustentam as arcadas veem-se requissimos capiteis em cedro; o pátio é dum estilo que lembra as mais belas obras primas de Marrocos. Ao lado veem-se alinhadas numerosas almofadas onde se dormia a sesta, ou se sentavam para comer ou repousar; tapetes diversos, armários cheios de joias, caixas de cobre cinzeladas, onde os guerreiros guardavam a pólvora etc. A porta das Oudaia vimos um calhão de 10 cm, com dedicatória de D. João V e mais dois morteiros oferecidos por portugueses. Reuniram ali uma riqueza fabulosa em anéis, diademas e outras joias diversas.

Num terraço junto à margem do rio é servido o chá mouro, que é preparado com hortelã pimenta e serve-se com bolos regionais, preparados com amendoas. Um quinteto toca dolentemente musicas sornas e arratadas, acompanhadas de *turbuga* (bilha de barro com o fundo coberto com um coiro). As cegonhas cortam por vezes o espaço voando para as muralhas onde teem os ninhos. Estas aves são consideradas como animais sagrados para os árabes e não lhes tocam quando esvoaçam junto dos arados para comerem os vermes que vão ficando a descoberto.

Um pôr de sol, visto do terraço, quando o disco rutilante se vai escondendo para além da montanha, que emoldura Salé, é um espectáculo maravilhoso, que immortalisaria o pintor, que fôsse capaz de o reproduzir fielmente.

Junto do museu vimos uma loja histórica de barbeiro onde deparámos com um espelho ornado com preciosas incrustações nacaradas, curiosas navalhas de barba, pentes de forma bizarra, lancetas para fazer sangrias. O rapador de queixos era um personagem importante na vida marroquina, como ainda foi nos nossos tempos em algumas terras algarvias, sobretudo na arte de curar.

Os monumentos que vamos encontrando pelas extensas avenidas teem um estilo apropriado. As vilas, com os seus terraços estão aninhadas dentro de jardins floridos, de matizes vivos. O reconstrutor de Marrocos não era apenas um idealista, sabia ter em atenção todos os pormenores surpreendentes. Os diversos serviços publicos, tesourarias, direcção do ensino, repartições civis e militares, vamos encontrá-las nos melhores edificios que se estendem pela avenida que nos conduz ao palacio. O edificio da residencia é dos mais modestos que se observam; o luxo que aqui falta, vae-se encontrar em alguns palacios que foram ocupados; tais como: o da Bahaia em Marrakech, mais uma verdadeira maravilha.

Em Rabat tudo foi delineado pelo marechal Lyautey, que dispunha de tempo para se preocupar com pequenas coisas, sem abandonar os problemas importantes, que fizeram a ressurreição de Marrocos. Dizem ali que na base da vida deste homem fenomenal de tão assombrosa acção, predominava o elemento velocidade. Pensava depressa, falava depressa, actuava rapidamente, mesmo à mesa comia depressa, ainda mesmo que tivesse convidados. Repetia frequentemente a sua divisa: «A alegria da alma consiste na acção.»

J. Corrêa dos Santos

Vende-se

Uma máquina de lavar roupa em bom estado.

Nesta redacção se diz.

Anunciar no

“Povo Algarvio”

é ter a certeza de exito

Crítica Convite

As pessoas que trabalham neste jornal fazem-no por dever, não por obrigação. Por isso mesmo sucede que nem sempre as oportunidades são aproveitadas, nem mesmo quando dão por elas. As obrigações primam às devoções, diz o povo e é verdade.

Foi o que aconteceu ao espectáculo que a Sociedade Orfeonica de Amadores de Musica e Teatro deu nesta cidade, no passado dia 19. Espectáculo completo, pela variedade do seu programa e pela quantidade de individuos que nele tomaram parte.

O grupo orfeonico, sob a proficiente regencia do Maestro Herculano Rocha, manteve as brilhantes tradições que possui. Executou todos os números com muito agrado, especialmente o Miserere, da autoria do seu regente, que como de costume, satisfiz o enorme auditório que enchia o Teatro Popular por completo.

A Banda Municipal tocou o «Capricho Italiano» de Tchaikouski, ouvido sempre com o maior interesse. Os créditos desta Banda e do seu distinto Regente estão já bem creditados. O Maestro Rocha é já bem conhecido para não termos que gastar elogios em quem deles já não precisa para manter o seu nome artistico.

Terminou o espectáculo com a Revista «Estás a Ver» do nosso querido amigo Manuel Virgínio Pires, Redactor Principal do «Povo Algarvio» e musica do Maestro Herculano Rocha.

E' extraordinário como os amadores tavirenses representam. Quem os vê nas recitas pensa que são pessoas habituadas a isso e assim não acontece. O que sucede é que se compenetram dos seus deveres, estudar e seguir as instruções dos ensaiadores e autores. E cumprem otimamente.

Sem desprimor para ninguém, é justo salientar o trabalho de Mle. Irene Silva, que no prologo que foi dito com a intenção precisa, que nos outros papeis que lhe couberam na distribuição. Dos homens, Liberto Conceição e José Parra, os melhores.

Liberto sabe dizer. A voz ajuda-o muito. Em todo o teatro percebem-se nitidamente as palavras que profere. Parra é o compe bem conhecido que fez rir o publico. Mles. Maria Adelaide, Ester Gusmão, Maria Nunes e todos os homens que tomaram parte no desempenho da revista, comportaram-se o melhor possível. Os côros afinados. A revista agradou bastante, apesar de não ser a melhor de Manuel Pires, que já conta algumas boas revistas a seu favor. A musica do Maestro Rocha boa, agradando muito.

Foi um espectáculo muito interessante e que nos provoca algumas considerações.

Tavira possui presentemente, sob o ponto de vista artistico, três grupos que, numa terra pequena como a nossa, pelo seu valor devem ser aproveitados para fazer realçar a nossa linda cidade e utilizando-os em embaixadas, levarem aos estranhos uma demonstração de que Tavira não é aquilo que, por diversos motivos a que os próprios tavirenses não são estranhos, se diz em meios que nos conhecem pouco e mal.

A Sociedade Orfeonica tem um Orfeon há já bastantes anos e que onde se apresenta só tem deixado belas recordações. O Clube Recreativo possui um grupo cénico, conhecido pelo grupo do «Ponto e Virgula» por ser a ultima revista que representaram e onde melhores elementos se revelaram. Dele fazem parte alguns dos melhores elementos da revista «Estás a Ver». Temos mais a Banda Municipal, a que não é preciso referirmo-nos em especial.

Todos estes elementos e clubes mantêm hoje relações cordeas. Por que não havemos, repetimos, de aproveitar esta circunstancia feliz e levar o nome de Tavira às terras onde nos interesse demonstrar que a velha Balsa não está adormecida como se diz, pelo menos no campo artistico. Bastava, apenas, boa vontade e união de todos. Que o bairrismo sobrelevasse ao clubis-

Tenho a honra de convidar para uma reunião, na sala das sessões da Camara Municipal, gentilmente cedida pelo seu illustre Presidente, amanhã, dia 30, pelas 20 horas, as Ex.^{mas} Direcções do Club Recreativo e Sociedade Orfeonica e os Ex.^{mos} Srs. Dr. Frederico Chagas, Maestro Herculano Rocha e Manuel Virgínio Pires. Pe-de-se pontualidade para se não perder tempo.

Tavira, 29 de Janeiro de 1939.

O Director do «Povo Algarvio»

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Quarenta e seis meses volvidos após a saída do 1.º fascículo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», chega-nos de novo às mãos, com a pontualidade costumada, o fascículo 46.º relativo ao mês de Janeiro que, como os restantes já publicados, vem recheado de afirmações de talento dos litteratos, cientistas e artistas que constituem o escol da intelectualidade portuguesa contemporânea, reunidos pela primeira vez numa manifestação de valor e vontade que ultrapassa em muito, tudo o que de similar tem sido feito no nosso país e mesmo no estrangeiro. Não podemos, portanto, deixar de verificar com orgulho e imparcialidade que, embora lutando com tôdas as dificuldades inerentes às grandes e honestas publicações mundiais, esta magnifica obra singra um caminho de grande elevação intelectual, adquirindo, por vezes, verdadeiros aspectos de magnificencia.

Este fascículo inclui matéria de veras sensacional. Artigos como *Boa-Esperança, Boato, Bobina, Bobo, Bocage, Bochimanês, Bócio, Bóde, Boêmia, Boi, Boia, Bojador, Bola, Bolacha, Bolama, Bolandismo, Bolbo, Bolchevismo, Boletim, Bólha, Bólide, Bolívia, Bólo, Bolor, Bolota, Bólta e Bom*, tratados com a maior autoridade, entre outros pelos illustres especialistas António Sérgio, Luiz de Oliveira Guimarães, Paulo de Brito Aranha, Santos Júnior, Hernani Cidade, Mendes Correia, Hasse Ferreira, Tomaz Fonseca, Pedro Godinho, Correira Pereira, Xavier Morato, Rocha Madahil, Manuel Peres Junior, Gonçalves Pereira, Joaquim Pratas, António Maria Pires, etc. dão a tônica deste grandioso empreendimento. Este fascículo inclui ainda illustrações sensacionais e nada menos de três estampas em separata, uma das quais, representando as raças bovinas portuguesas, devido ao lápis de Duarte de Almeida, foi reproduzida em offset pela Litografia Nacional, do Porto, de forma maravilhosa.

Conhecedores, portanto, das excepcionais qualidades culturais desta valerosa obra, verificámos com verdadeira satisfação íntima que os seus editores proprietários—Editorial Enciclopédia, Ltd.—indo ao encontro de justas aspirações e frementes desejos do público leitor resolveu lançar um novo processo de vendas de volumes completos por meio de pagamentos suaves, decisão que nos merece os melhores encômios; pela facilidade de aquisição que traduz para aqueles que, sabedores da utilidade que significa para eles a compra desta notável obra se vjam disso impossibilitados por tal implicar uma despesa bastante onerosa.

Para esta Editorial, portanto, e em nome de todos os portugueses que não estejam estranhos às manifestações de intelectualidade, tradutoras do progresso dum povo civilizado que um grande papel já desempenhou na história e que, ainda, estamos disso certos, voltará a desempenhar, as nossas sinceras felicitações e agradecimentos pela modalidade criada.

PELA IMPRENSA

«Conservas»—Entrou no 3.º ano de publicidade esta revista unica no genero em Portugal propriedade do gremio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte que se publica em Matosinhos.

As nossas felicitações.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia MONTE-PIO.

mo que as rivalidades entre clubes, desaparecessem perante o interesse da cidade. Porque não pensar nisso os interessados?

O sr. Roosevelt, o Anti-Fascismo e os Judeus

É sabido como a campanha anti-semita do 3.º Reich perturbou o sr. Roosevelt e vários outros corifeus da política e da finança norte-americana. O presidente dos Estados Unidos não hesitou até em protestar publicamente contra as restrições impostas aos Judeus na Alemanha, apontando a indignação da consciência universal as violências que alguns ali sofreram. Ficariam muito bem ao Sr. Roosevelt e acólitos esses sentimentos, se não fôsse público e notório que nem todas as violências, e arbitrariedades provocam nas suas pessoas as mesmas reacções...

Foi o que cinco antigos combatentes franceses quizeram lembrar ao sr. Roosevelt dirigindo-lhe uma carta que mereceu divulgação. Todos esses cinco antigos combatentes são condecorados com a Cruz de Guerra, quatro com a medalha militar e todos foram feridos em combate (um deles foi ferido «apenas» 74 vezes...).

Da sua carta recortamos os seguintes períodos:

«Não ignora, Sr. Presidente, que mais de 16.000 padres católicos foram assassinados em Espanha. De que forma? Pendurados nos ganchos dos talhos com etiquetas que diziam «carne de porco»; crucificados e queimados vivos. Ainda se vêem nas paredes os seus vestígios. As religiosas foram violadas, conspurcadas, colocadas nos lugares de infâmia. Os civis fuzilados, se acaso haviam conservado uma medalha religiosa. As igrejas incendiadas dinamitadas, transformadas em salas de baile, estrebrias ou antros de infâmia. Os altares saqueados, as cruzes derrubadas etc. E que disse o mundo? Achou que era como na Rússia—onde foram assassinados milhões de homens por dirigentes na maior parte Judeus—uma curiosa experiência social. Note Sr. Presidente, que nós respeitamos em França todas as opiniões, mas temos horror à hipocrisia e esta hipocrisia nauseia-nos onde quer que a encontremos. A justiça não tem um sentido único. Falar a favor dos judeus está bem, com a condição de não guardar suplicios da antiguidade...»

É escusado acrescentar que os cinco autores desta carta não esperam receber qualquer resposta...

Há poucos dias o sr. Roosevelt voltou a deitar fala. É mais uma vez pregou a cruzada das democracias, em nome de três «valores morais»: a religião, o espírito liberal e a boa fé internacional.

É bom notar que o sr. Roosevelt, que não pode nem ver os «pérfidos fascistas», tomou a iniciativa de restabelecer as relações diplomáticas do seu país com a U. R. S. S. e que todos os anos, em Outubro, envia a Estaline um telegrama de felicitações. A Estaline que tem pela religião o amor que nós sabemos. A Estaline que governa segundo preceitos tão democráticos. A Estaline que provou a larga a sua «boa-fé internacional» no dia em que, sem mais explicações e contra a letra dos tratados, ocupou militarmente a Geórgia.

Tudo está em que Hitler e Mussolini não gostam dos judeus ao passo que Estaline tem por eles especial carinho.

Se não existisse esta diferença, o sr. Roosevelt de-certo teria mobilizado a famosa «consciência universal» quando os vermelhos esventravam e massacravam as freiras, os sacerdotes e os católicos espanhóis,

AUTOMÓVEL

Compra-se em 2.ª mão de 5 a 8 H P, de 3 passageiros. Indicar marca, modelo, estado e preço a José André da Fonseca, Patação-Faro.

Portugal na Exposição de Nova York

António Ferro, director do S. P. N. e commissário do governo português na exposição internacional de Nova York—como já o fora na exposição de Paris, onde, pelo seu esforço, pela sua intelligencia directiva, conquistou um triumpho inexcédível e (o que é mais) inesquecível—falou há dias, ao «Diário de Lisboa» acerca do proximo certame na América do Norte e da nossa participação.

Portugal vai aparecer nessa «apoteose da civilização», precisamente numa altura em que se preparam na metropole as mais belas e grandiosas comemorações centenárias.

É necessário que Portugal esteja presente na exposição de Nova York. Vai aparecer e a sua presença será marcada, com brilho e elevação—ninguem o pode duvidar, depois do que se realizou em Paris. Quere dizer: o nosso País mostrará ao mundo que, sem empréstimos extraordinários, sem pedir nada à finança estrangeira, pode fazer face aos altos encargos da defesa nacional, do fomento, da instrução—e ao mesmo passo, efectuará as despesas precisas para condecoração, festejar oito séculos de vida e três séculos de uma das mais profundas manifestações de amor à independência, e para provar, em Nova York, que «o Mundo não seria tão grande se não fossem os navegadores portugueses; que o Atlântico antes de ser uma realidade foi um sonho na alma do Infante D. Henriques; que Magalhães, dando a primeira volta ao Mundo, foi o primeiro architecto do globo, da grande esfera de World's Fair da Criação.»

É consoldador verificar que a política do Estado Novo, a administração do Prof. Salazar permite tudo isso e, sempre, sem que as contas publicas e os orçamentos sofram as mistificações que, ainda não há três lustros, apareciam a cada passo, para se encobrirem esbanjamentos... em proveito de terceiros. Mas, deixemos coisas tristes.

Necrologia

Apoz prolongado sofrimento faleceu nesta cidade, donde era natural, a sr.ª D. Delmira Rosa Milhomens Costa, de 47 anos, viuva do sr. Gervásio Rogério Costa.

A seus filhos D. Albertina Milhomens Costa e Flavio Rogério Costa, o «Povo Algarvio» envia sentidas condolências.

Calendários

Do sr. João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, recebemos dois interessantes calendários para 1939, com um réclame ao papel de fumar Sem-Fim.

Os nossos agradecimentos.

Carimbo

F. Maria L.ª, com este nome encontra-se nesta Redacção um carimbo que foi achado no Mercado Municipal.

Entrega-se a quem provar pertencer-lhe.

AVISO

Eugénio Rodrigues Madeira, residente na fazenda do Colaço, em Vila Nova de Cacela, faz público: Que não se responsabilisa por qualquer dívida contraída por seus filhos, salvo se fôr por si autorizada em documento assinado.

Assinal o «POVO ALGARVIO»

Da en revista que Antonio Ferro—é sempre curioso quando um mestre da entrevista se deixa entrevistar—concedeu ao vespertino lisboeta, devemos extrair estas consoladoras afirmações:

«—Não se pode, em Portugal, fazer bem uma ideia do alcance extraordinário da nossa participação, no sentido de aproximar da mãe-patria, a colonia portuguesa. Quando lá estive pela primeira vez, para escolher o local do Pavilhão, encontrei uma colonia portuguesissima, amparada e orientada pelo ministro Bianchi. Mas sentia-a ceptica quanto ao interesse da metropole por ela, e magoada pelo suposto abandono a que estava votada. A nossa participação na Exposição causou nela um alvoroço enorme. Posso afirmar que esse gesto do nosso governo uniu a colonia, esbatendo certas divergencias e incompreensões. A colonia portuguesa da America está grata ao nosso governo—e eu reputo isso uma das mais felizes consequências da decisão tomada.»

Os portugueses, estabelecidos na America do Norte—e são tantos!—vão ter o orgulho, em face do nosso pavilhão, de poder mostrar aos americanos e a todos os outros povos que acorrerem a Nova York, que de uma Patria que pode não ser hoje tão espectacularmente rica como outros Estados, mas é, sem possivel desmentido, das mais gloriosas e prosperas Nações do globo.

É pouco? Não; é muito não só no presente, mas, sobretudo no futuro, pois que, como Antonio Ferro sublinhou, com a sua reconhecida autoridade neste capítulo, «a América é um campo de possibilidades infinitas» o que não deve ser esquecido pelos «nossos comerciantes, industriais e organismos de turismo»

Como em Paris, Portugal não vai a Nova York pompear galas mentirosas; vai, como o nobre, mostrar os seus reais pergaminhos de fidalguia—e da melhor!—, ao mesmo tempo que vai dar a um grande Estado uma extraordinária lição:—a lição incomensuravel do nosso ressurgimento feito sem ajudas, que rebaixam, nem fraquezas, que envergonham.

Marinho da Silva

COMARCA DE TAVIRA

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que no dia 12 do proximo mês de Fevereiro, por doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar, a quem maior lanço oferecer, acima do seu respectivo valor venal, que é de Esc: 3.710.000, o seguinte direito:—O direito a um doze avoz num prédio rustico no sitio da Asseca, freguesia de Santo Estevão, desta comarca, que consta de terra de semear e matosa com arvoredo, denominado «Manjores». Este direito é arrematado nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Ivo Xavier da Silva Pereira, residente em Lisboa, por divida de imposto sobre sucessões e doação. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Tavira, 7 de Janeiro de 1939.

O Chefe da 3.ª Secção int.º

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

VENDE-SE

Uma courela no sitio da cativa, freguesia da Conceição.

Quem pertender dirija-se a José Martins Ferro, sitio do Belmonte, freguesia da Luz.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fez anos:

Em 26 de Janeiro—Sr. Manuel da Silva.

Fazem anos:

Hoje—Sr. Ernesto Ferreira.
Em 30—Mle. Maria José Pires Faisca e o sr. Renato Mansinho da Graça.
Em 31—D. Maria da Graça Bernardo Almodovar, Dr. Henrique Alberto Leote Cavaco e o sr. Eduardo Dias Ferreira.

Em 1 de Fevereiro—Dr. José Ribeiro Castanho e Alferes sr. José Inacio Conceição.

Em 2—D. Etelvina Caleça Ribeiro, Mle. Ana Trindade Pires, e o sr. Rui Palermo Ferreira.

Em 3—D. Maria Virginia Viegas Corvo Reis, D. Maria Hortense Braz Pires e o sr. Antonio Rodrigues Santos.

Em 4—Sr. Carlos Rodrigues Mil Homens e o Capitão sr. João Baptista Pereira Junior.

Partidas e Chegadas

Partiram para Evora, os srs. Coronel Cortez dos Santos e capitão Victorino Corvo, afim-de assistirem no Quartel General da 4.ª Região Militar, á homenagem a prestar a sua Ex.ª o sr. General daquela Divisão.

—Esteve nesta cidade o sr. José Parreira, illustre Jornalista.

—Foi a Ferreira do Alentejo, o sr. Dr. João Maldonado Centeno.

—A fim-de tomar posse do lugar em que foi nomeado no Ministerio das Obras Publicas, seguiu para Lisboa, o sr. Isaurindo Mascarenhas.

ESCOLA

Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54-3.º LISBOA

Fundada em 1930

e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para

Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 8

Sr. Rui da Costa Poitier—Abrantes
Sr. Manuel Martins de Carvalho—Pernes (Santarem).
Sr. Tiago Mendes de Oliveira—Pernes (Santarem).
Sr. Cipriano Mendes Carreira—Pernes (Santarem).
Sr. Joaquim da Silva S. Miguel—Pernes (Santarem).

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes.

Cursos de Escrituração, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contem planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Províncias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe fôr possivel recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OSHÃO.

Edital

Faço saber, nos termos e para os devidos efeitos do disposto no Decreto-lei n.º 27.995, de 27 de Agosto de 1937, que no proximo dia 1 de Fevereiro terão inicio as operações para organização do Recenseamento dos Chefes de familia, com direito a voto nas eleições da Junta desta Freguesia.

Assim pelo presente, convindo os individuos de ambos os sexos, com capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto-lei, a fazerem a inscrição como eleitores, durante o periodo decorrente de 1 de Fevereiro a 15 de Março proximo.

Tavira, 23 de Janeiro de 1939.

O Presidente da Junta
(a) José Francisco da Graça

Pela Província

Sto. Estevão

Diversas—Foi colocada na Escola Official do sexo masculino desta aldeia, a Ex.ª professora D. Amélia Rita do O' Monteiro Baptista, esposa do sr. tenente Celestino Cezinado Baptista.

—Esteve alguns dias entre nós o nosso amigo e assinante do «Povo Algarvio», sr. José Joaquim M. Valongo.

—Segundo nos informam começam hoje os bailes de mascarar na Sociedade Recreativa 1.º de Maio.

—Encontra-se em Moncarapacho em casa de sua irmã, a menina Maria João Bernardo, gentil filha do nosso estimado assinante sr. João Antonio Bernardo.—c.

Conceição

Club R. Conceitanense—Por lapso não veio publicado no nosso jornal o nome do sr. Sebastião da Conceição Silva, o qual foi eleito para vogal da Direcção do mesmo Club, bem como os srs. Manuel Guilherme e Manuel de Jesus para o Conselho Fiscal do Club. R. Cabanense.

Anos—Faz, no dia 31 do corrente, anos a sr.ª D. Alzira da Encarnação Fernandes, esposa do nosso particular amigo e assinante sr. José da Silva Vidal. Os nossos parabens.

Doente—Encontra-se bastante doente a sr.ª D. Gertrudes Beldade, mãe do nosso assinante sr. José Geraldo Pereira. As suas rápidas melhoras lhe deseja o «Povo Algarvio».—c.

Vila Nova de Cacela

Estrada da Corte—Tendo sido aprovado o estudo para a continuação da estrada do—Pocinho á Corte Antonio Martins—mandado executar pela Camara Municipal de Vila Real de Santo Antonio, e tendo o governo participado na despesa a realizar, consta que no começo do proximo mês de Fevereiro terão inicio os trabalhos de construção.

Alem dum melhoramento importante para a freguesia, muito vái atenuar a crise do desemprego que muito se tem accentuado nesta quadra aspérrima de inverno.

Gremio Cacelense—Iniciaram-se no domingo, 22, os bailes de carnaval.

O salão estava elegantemente ornamentado, e a animação foi superior á dos anos anteriores. Continuum todos os domingos e quintas.

Roubos—A policia de Vila Real conseguiu prender dois ladrões que ultimamente praticaram varios furtos e roubos nesta freguesia.—c.

O Destino miserável das crianças Russas

Chega a ser inacreditável o que hoje é na U. R. S. S. o regime normal. Custa a crer como um povo pode suportar regime tão abominavel. O caso é que vai suportando, talvez por se tratar do povo russo, talvez por a tirania estaliniana ser tão feroz que não tem permitido reacções importantes.

Para se avaliar do «alto grau de civilização» em que vivem os pobres russos basta ler-se os jornais soviéticos. Fica-se elucidado sobre a vida miserável das crianças, por exemplo.

Pela leitura da «Pravda» de 10 de Janeiro deste ano, verifica-se que os indisciplinados têm um destino odioso. São frequentemente deportados. Alem disso a legislação soviética admite a pena de morte para as crianças com mais de 12 anos!

Não contentes com isto, os tribunais e a G. P. U. castigam até as crianças de 9 anos, sem indicarem a sua idade nas sentenças. Essa prática e muitas vezes aplicada ás crianças abandonadas, como certifica Nakhimson, adjunto ao Commissariado, «Sovietskaia Yustitzia».

É este regime apresentado como «modelar» por muitas pessoas com responsabilidades e que figem ser sinceras!

BARBEARIA

Trespassa-se na Rua da Liberdade, n.º 53—Tavira.

Quem pretender dirija-se á Redacção deste jornal.

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Drogaria Tavirense

DE
SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gêlo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha
TAVIRA

Só no LONDRES SALÃO



e na alfaiataria de V. Lopes encontrarão o **Desportex**

E' o tecido ideal para todos os fins.
Pela sua construção e pela sua enormidade de desenhos e coloridos, como V. Ex.^a pode facilmente examinar pelas suas famosas coleções, tem vantagens sobre qualquer outro tecido para a vida de VIAGEM, CAMPO e DESPORTO.

Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.^a QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 -:- R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores
Artigos de Merceria
Excelentes
Chás e Cafés
Puro
Azeite do Alentejo
Lindas
Louças
Finos
Vidros
Bons
Talheres
Duráveis
Esmaltes e Ferros de engomar
Gostosa
Confetaria
Saborosos
Licores e Vinhos do Porto
Chique
Papel de Cartas
Variados
Brinquedos
Escolhida
Perfumaria das marcas—NALY, BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-PAS, etc...
Sabonetes—Loções—Rouges
Batom—Pós de Arroz
Pastas Dentífricas
Cremes Dentífricos, etc...
Apreciáveis
Descontos aos Revendedores
Módicos
Preços

A COMPETIDORA

— DE —

José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lanifícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a V. Ex.^{as} uma visita ao estabelecimento.

A COMERCIAL de J. Carmo, Limitada

TAVIRA

Oferece a V. Ex.^a um brinde desde que consiga reunir 10 talões até 31-12-1938

COMPRA DE 20\$00

GABARDINES grande sortido a Esc. 300\$00

ATENÇÃO

Recomendar esta casa, é prestar um grande favor a todos os vossos amigos e pessoas das vossas relações.

Assinai o "Povo Algarvio"

Estabelecimento de Fazendas de Manuel Pedro Cabrita Junior

(JUNTO AO MERCADO MUNICIPAL)

Grande sortido de panos crus e abretanhados, riscados e cotins.

Stok de lindas sombrinhas de seda e algodão.

Admiráveis coleções de camisas, gravatas, peúgas e cintos para homem.

Grande novidade em fazendas para vestidos e casacos de senhoras próprios para a estação de Inverno.

Vendas a prestações com bónus

A Casa que mais barato vende

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos aos melhores preços
Condições especiais para revendedores

Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.º andar e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal
R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e limpeza de: Relógios, Ouro, Prata, Joias, Grafonolas, etc., etc.

Pelos preços mais módicos

Quereis fazer bons negócios?

Anúncial no semanário regionalista

“Povo Algarvio”

Recordar é viver

Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Carvalho (Espanhol), ao Chiado, «Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para senhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica

M.^{me} Guilhermina Bento

Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim do Carmo Bento

TAVIRA